

## Teologia e Libertação: cruzando fronteiras

Luiz Carlos Susin

A quarta edição do Fórum Mundial de Teologia e Libertação aconteceu de 05 a 11 de fevereiro de 2011 em Dakar, a cosmopolita cidade africana banhada de sol e de mar na ponta oeste do continente. Como é costume, o fórum de teologia acompanha o Fórum Social Mundial.<sup>1</sup> É a primeira edição a acontecer em um país de grande maioria muçulmana, cerca de 95% da população. Para um fórum de teologia com perspectiva libertadora, tal condição social representa um desafio especial, ou seja, a questão do pluralismo religioso junto com o pluralismo cultural, e o diálogo interreligioso que se impõe, sem perder a relação com as realidades econômicas, sociais e políticas em que se manifestam as diferentes experiências e expressões religiosas.

Entre o planejado e o realizado, também nesta edição do Fórum aconteceram muitas surpresas. Para quem quer fazer teologia a partir de uma escuta atenta da realidade, a própria realidade se impôs mais uma vez, obrigando a mudar posturas e planejamentos, e a aceitar outras maneiras de se relacionar com o tempo e com o espaço. Dakar convidou também a experimentar as inesperadas riquezas locais, e a ser criativos nas respostas. Pois se está em meio a gente tipicamente africana, sempre pronta para uma conversa, para um sorriso largo de hospitalidade, a famosa *Tengara* senegalesa. Esta foi, para os participantes do fórum, a primeira lição da realidade, o povo e a cidade de Dakar. Há uma canção brasileira que celebra antecipadamente a utopia de um mundo novo dizendo: “Na nova terra, o negro, o índio, o mulato, o branco e todos vão comer do mesmo prato”. Bem, em Dakar, seguindo a tradição das famílias locais, os participantes do Fórum vindos de diversos continentes, comiam, no almoço, todos “do mesmo prato” - literalmente.

Outra lição, de ordem histórica, foi a visita à bela ilha de Gorée, bem em frente de Dakar. É um monumento perturbador, memória da partida sem volta de milhões de africanos, homens, mulheres e crianças, agarrados e roubados em suas aldeias, separados de suas famílias, de suas línguas maternas, de suas crenças religiosas, tratados como peças de mercado pelos europeus e levados às colônias nas Américas para todo tipo de trabalho escravo, do qual se extraíram e se produziram riquezas, naturais e agrícolas, para as metrópoles na Europa. Desse violento triângulo mercantilista nasceu a modernidade real, encoberta pelos belos discursos iluministas. Em Gorée, uma das inúmeras “casas de escravos” está bem restaurada como memória. Curiosamente também uma das casas de escravos é hoje casa do presbitério local.

O fórum de teologia, propondo-se uma maior integração com o Fórum Social Mundial, ofereceu e participou de workshops no dia dedicado inteiramente à África e no dia seguinte, levando em conta tanto a África continental como também a África da Diáspora mundo afora. Aprendemos que África, com sua imensa diversidade, é uma herança e um modo de ser, mesmo para além do continente.

---

<sup>1</sup> O Fórum Social Mundial nasceu em Porto Alegre, Brasil, como alternativa ao Fórum Econômico Mundial de Davos, Suíça. O “alteromundismo” busca a prioridade do social sobre o econômico, e diante do “pensamento único” dos neoliberais, os alteromundistas se unem em torno de “outro mundo possível”. Diante da crença liberal - que se pretende científica - de que todo messianismo é uma ideologia ilusória e violenta, o alteromundismo conecta atores sociais, sujeitos e ações, capazes de eficácia na mudança através da sua soma e multiplicação mundo afora.

No entanto, dois limites se impuseram ao fórum, um de ordem política ao fórum social e outro de ordem religiosa ao fórum teológico. Algum tempo antes da realização do fórum social, a universidade pública Cheikh Anta Diop, contratada para ser o espaço do evento, sofreu uma mudança de reitoria que repercutiu na organização do fórum. Como as aulas do semestre não foram mais suspensas, foi necessário improvisar os espaços, e o atraso da publicação dos mesmos foi fatal tanto para a oferta como para a procura dos workshops. Em outras palavras, acabamos ficando apenas “entre os iguais”. Para as atividades de teologia, houve um agravante, o segundo limite: os muçulmanos convidados não compareceram ao diálogo previsto, e uma das razões pode ter sido a confusão reinante em termos de agenda e espaços. Para um fórum de teologia que se realiza num país majoritariamente muçulmano propondo-se um exercício de diálogo interreligioso, ficar “entre os iguais” e não conseguir vencer a barreira dos imprevistos dá muito que pensar. Foi uma lacuna que deixou participantes nervosos. Alguns participantes, partindo de suas experiências, afirmavam o que, por exemplo, Moltmann já tinha observado: o diálogo entre tradições religiosas supõe interesse pelo outro, mútuo interesse. E os muçulmanos não parecem interessados em conhecer a tradição cristã. Outros consideraram que o fato de os muçulmanos serem imensa maioria no país coloca a questão sobre os países de imensa maioria cristã: o que acontece quando se é maioria ou minoria? De qualquer forma, a questão era mais prática e talvez prosaica: um problema de comunicação, de agenda e de organização entre mundos diferentes. Observar, porém, como se dão as relações de convivência entre a grande maioria muçulmana e a minoria cristã, no Senegal, é uma lição inesquecível. A minoria cristã apresenta boas escolas e uma especial atenção à saúde, o que lhes é retribuído com reconhecimento e respeito por parte da maioria muçulmana.

### **O cânone da “vida” vem antes de todos os outros cânones.**

O fórum de teologia desenvolveu um seminário nos dias em que o Fórum Social Mundial dedicava tempo para assembléias por focos de interesse. O seminário, como era previsto, se tornou o ponto alto do foro de teologia. Seu objetivo era a discussão sobre qual epistemologia, quais categorias, quais linguagens e quais os métodos mais adequados para dar conta da complexidade “mundial” de nosso tempo e dos próximos anos. O seminário foi tomado por uma acalorada tensão entre o cotidiano local, ou seja, a grande variedade de contextos, e as questões globais, sistêmicas, que afetam o local. Hoje, o cotidiano da vida de um povo no interior de um país “menor” também se vê afetado pelas grandes inovações da tecnologia, do mercado e do consumo que, inevitavelmente, devastam sua condição cultural e religiosa, manipulando inclusive suas mentes e seus desejos.

Diante disso, a pluralidade de elementos que constituem o labor teológico obriga a uma ordem de prioridade, lugares teológicos prioritários que se tornam os primeiros e mais fundamentais princípios hermenêuticos. Na ordem clássica dos *loci theologici* a fonte originária da Palavra de Deus se encontra, em primeira lugar, na Escritura. A Tradição e o Magistério se fundam e desenvolvem a revelação das Escrituras. Segundo Melchior Cano, os “fatos da história” seguem depois como *loci alieni*, emprestados de fora, por não serem próprios do “depósito” cristão. Pois o Fórum, herdeiro da reflexão teológica dos últimos cinquenta anos, foi enfático em “virar a ordem”, colocando como primeiro lugar teológico a vida de carne e osso, a vida cotidiana, a vida compartilhada, a vida dos povos desde onde se faz teologia. O fórum entendeu o necessário enraizamento e a pertença do teólogo e da teóloga a uma comunidade de fé não em primeiro lugar como uma confessionalidade, menos ainda como uma instituição eclesiástica, mas uma

comunidade de vida, a vida do seu povo. Essa relação visceral com a vida do povo, suas lutas e esperanças, seus sofrimentos e festas, é o chão primeiro da revelação divina, da salvação em processos de libertação, desde o qual a Escritura ganha nova luz, pode ser discernida com o critério de “dar vida e vida em abundância”. Sublinhou-se, por exemplo, que há textos bíblicos que ensinam como não se dá vida, como não é mais possível seguir da mesma maneira para entender o Deus que quer a vida de seu povo. E, por outro lado, há textos ou narrativas orais fora das Escrituras judaicas e cristãs, que também inspiram vida e vida em abundância. Não importa se provém do que chamamos de grandes tradições religiosas ou de pequenos grupos, uma vez que sua qualidade não depende da quantidade de pessoas que portam estas tradições.

Portanto, em outras palavras, o primeiro “cânone” não é a Escritura, é a vida. O fórum acentuou de forma muito incisiva este cânone prioritário, inclusive para a criação epistemológica. O cânone da “vida” reconhecida, liberta e libertadora, permite que abramos este prioritário lugar teológico para as diferentes tradições religiosas dos povos, para o pluralismo religioso, para considerar a religião “do outro”. É na relação com a vida dos povos, em suas contradições e esperanças, que as diferentes Escrituras, como também os ensinamentos e narrativas orais, podem ser boas novas, sempre enquanto notícias de vida. Cria-se, então, a sinergia própria do círculo hermenêutico “Vida-Palavra” e “Palavra-Vida”, mantendo-se a vida como referente e critério hermenêutico. Nesse círculo se colocam os diferentes níveis de experiências, “texturas”, contextos, textos, sabedoria e, claro, também conceitos e sistemas de pensamento, nessa ordem. Partir dos conceitos, ou seja, da doutrina, da dogmática, da exegese, é possível, mas difícil e mais perigoso. O que devia ser um círculo pode paralisar no meio do caminho e se evaporar na abstração.

*A opção preferencial pelos pobres*, nascida de um coração pastoral tocado pelo clamor de vida dos mais frágeis, tornou-se também coração claro e firme de uma teologia em perspectiva de libertação. Para se manter com rigor e menor risco na verdade deste critério, não faltou quem ilustrasse, mais de uma vez e insistentemente, com a tensão que se deve manter entre a opção preferencial pelos pobres e a universalidade da boa nova cristã. Partir da universalidade pode ser uma desculpa e uma traição: “Amar a todos” é frequentemente, na verdade, desculpa para “amar ninguém”! Só o amor que se concretiza em prioridades sai da abstração do “todos”, da universalidade abstrata e ineficaz. Amar com prioridade é o que faz uma mãe, segundo um antigo provérbio árabe: prefere o doente até que fique sadio, prefere o que está longe até que chegue, prefere o menor até que cresça. Por isso, num mundo mais globalizado, em que é necessário ter em conta os grandes sistemas que pretendem organizar a vida, a prioridade, no entanto, é local, regional, contextual, na sua diversidade, na riqueza da biodiversidade humana, inclusive a biodiversidade religiosa, a “hierodiversidade”. Afinal, como se sabe, Jesus não veio trazer uma nova religião mas uma boa notícia para quem precisa de libertação. A partir da boa notícia se compreende quem é Deus.

### **A volta do político recalcado**

Por outro lado, nos dias do foro assistimos com atenção, no mesmo continente africano, as mobilizações do povo egípcio, que se seguiu ao do povo tunisiano, num efeito em cascata ainda incerto mas em direção a mais e melhor democracia na região árabe. É sabido que há, nessas mobilizações, uma liderança jovem, com tecnologias de comunicação que tornam transparentes tanto a verdade das instituições como a necessidade de comunidade para abrir futuro. Esse movimento acontece também, de

forma mais discreta, em diversos países da América Latina, com protagonismo popular, especialmente indígena. Nessas regiões, apesar do que se disse de encolhimento do Estado e expansão do mercado respaldado pela ideologia neoliberal, está de volta a política. O fórum levou em conta o lugar da política na boa notícia de libertação, e portanto, na teologia com perspectiva de libertação.

A política global a partir dos pobres, das regiões que perdem na globalização, obriga a pensar mais seriamente a força do “Império”. O fórum dedicou um tempo para esclarecer e debater o que se pode entender por “império” nas atuais condições de comunicação, de mercado, de uso não sempre de força bruta mas muito de sedução, de colonização das subjetividades e das culturas, e também colonização das expressões religiosas. É dentro desse grande sistema que se explica o mimetismo fascinante das igrejas que reúnem o trinômio “templo, teatro e mercado”.

Não há opção preferencial pelos pobres e nem pela vida como cânone primeiro de toda boa teologia se não houver atenção a esta outra ponta, sistêmica, da política e da economia. Como a vida não pode ser somente protegida, mas também cultivada, produzida, a economia e a política interessam uma teologia que pretende ajudar na boa notícia de vida. Inclusive as questões de gênero, sobretudo a libertação da mulher em um mundo que continua sendo marcado pelo *kyriarcalismo*. O Fórum Social Mundial de Dakar foi uma verdadeira vitrine do empoderamento das mulheres organizadas mundo afora nas questões de segurança alimentar, de renda familiar, de saúde, de políticas públicas. As mulheres se revelam as protagonistas do cotidiano da vida em suas expressões mais concretas, mas isso não corresponderia a uma boa notícia de libertação se não forem também consideradas no âmbito mais global da política e da economia. A migração e o tráfico de pessoas são sintomas massivos e mundiais em que as mulheres são as mais afetadas, e essas realidades dão o que pensar também para a teologia. Evidentemente, o fórum de teologia sentiu na carne a sua responsabilidade quanto às questões religiosas nesse contexto mundial para que a experiência religiosa seja alma de processos libertadores e portadores de vida.

### **Maior interação em rede**

Um fórum é um evento de um processo. Depois de Porto Alegre (2005), de Nairóbi (2007), de Belém (2009) e de Dakar (2011), o processo continuará com mais maturidade. Compromissos institucionais, eclesiais, contextuais e regionais precisam ser levados adiante, mas o fórum “mundial” pretende cruzar fronteiras, criar uma comunidade teológica mundialmente aberta, e isso porta a necessidade de intensificar a interação em rede, de forma amplamente ecumênica, em abertura ao diálogo interreligioso. Esta é a forma capaz de respeitar as diferenças e criar laços e mútuo enriquecimento para que *outro mundo seja possível*, segundo o teológico e messiânico slogan do Fórum Social Mundial. Em Dakar sugeriu-se mais ousadia na criação de fóruns locais e no uso inteligente da Internet.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> O Fórum Mundial de Teologia e Libertação não se compõe de representações de Igrejas, mas de associações e organizações acadêmicas e pastorais. Está organizado ecumenicamente com um Conselho Permanente, composto de representantes de oito instituições que deram seu apoio inicial, e um Comitê Internacional Consultivo com representantes de instituições ou organizações que dão sua adesão ao redor do mundo. Conta com uma secretaria permanente e um Web Site: [www.wftl.org](http://www.wftl.org)

(Currículum Vitae e endereço:)

Luiz Carlos Susin, frade capuchinho e doutor em teologia, é membro do Comitê de Redação da Revista *Concilium*. É atualmente Secretário Geral do Fórum Mundial de Teologia e Libertação. Compõe a Equipe de Reflexão Teológica da Conferência dos Religiosos do Brasil. Foi presidente da Associação de Teologia e Ciências da Religião do Brasil (Soter). Trabalha regularmente na Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana. Entre seus livros está *A Criação de Deus*, São Paulo: Paulinas, 2003.

Endereço: Rua Juarez Távora, 171 – Porto Alegre-RS – 91520-100 – Brasil

Email: [icsusin@pucrs.br](mailto:icsusin@pucrs.br)